

Baker diz aos bancos para emprestarem mais aos países latinos

Dívida

por Paulo Sotero de Washington

O secretário do Tesouro dos Estados Unidos, James Baker III, disse aos presidentes dos seis maiores bancos do País, durante uma reunião de 90 minutos realizada em seu gabinete, em Washington, na noite de terça-feira, que eles terão de aumentar ligeiramente seus empréstimos aos países endividados da América Latina, nos próximos anos, para permitir que economias de países, como o Brasil e a Argentina cresçam e para evitar uma crise de insolvência no continente. O presidente do Federal Reserve Board, Paul Volcker, que esteve presente à reunião, reforçou a mensagem de Baker, afirmando que, pelas projeções do Fed — o banco central dos EUA —, sem influxo de novos recursos dos bancos comerciais a América Latina não superará o problema da dívida e continuará sendo um fator de instabilidade para o sistema financeiro.

Nenhum dos participantes do encontro quis falar sobre números. Analistas de instituições privadas, ouvidos pelo Wall Street Journal, acreditam que os bancos terão de pingar mais US\$ 14 bilhões em novos empréstimos, nos próximos anos, o que representaria um aumento anual de 2% de suas posições nos países devedores.

Os banqueiros presentes, representando o Citibank, o Bank of America, o Chase Manhattan Bank, o Manufacturers Hanover, o Morgan Guaranty e o Chemical Bank, não assumiram nenhum compromisso com Baker, de acordo com Willard Butcher, presidente do Chase e único dos participantes que se dispôs a falar aos jornalistas na saída do encontro. Com os banqueiros, o secretário do Tesouro e o presidente do Federal Reserve analisaram "como as estratégias funcionam hoje e possíveis alternativas que possibilitem mais crescimento no futuro". Num reconhecimento implícito de que a estratégia até agora seguida está em fase de esgotamento, Butcher acrescentou que, durante a reunião, "nós exploramos como olharemos o próximo estágio" no tratamento da questão da dívida.

REUNIÃO DE SEUL

Ao contrário do que fontes financeiras tinham previsto antes do encontro, Baker não fez uma exposição detalhada aos banqueiros do discurso que fará na próxima quarta-feira, perante o plenário da reunião anual do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional, em Seul (Coreia do Sul). Isso deixou em alguns observadores a sensação de que não se deve esperar muito do discurso do secretário do Tesouro americano. De acordo com fontes oficiais, Baker defende-



Willard Butcher

rá uma ampliação do papel do Banco Mundial e do Banco Interamericano de Desenvolvimento no encaminhamento de uma solução de mais longo prazo para a questão da dívida.

NOVA OPORTUNIDADE

Do ponto de vista dos bancos, o pedido que eles ouviram de Baker, embora, em si, não seja de seu agrado, abre oportunidade para uma conversa pela qual os principais bancos norte-americanos estavam ansiando há tempos. Há pelo menos dois anos, de fato, executivos como William Rhodes, do Citibank, que comanda o comitê de bancos credores do Brasil, do México, e da Argentina, entre outros, vinham alertando para a necessidade de uma participação maior dos governos dos países industrializados, diretamente ou através de organismos internacionais como o Banco Mundial e o BID, na busca de uma solução mais duradoura para o problema da dívida.

REGULAMENTOS FEDERAIS

Além de pressionar o governo americano nessa direção, os banqueiros poderão, também, advogar junto às autoridades americanas mudanças nos regulamentos federais que atualmente os proíbem de capitalizar juros. De acordo com um economista de um instituto de estudos financeiros de Washington, especializado no estudo da questão, na medida em que a instabilidade aumentou na frente a dívida, nos últimos meses, esta limitação das normas bancárias americanas passou a funcionar como um instrumento de desagregação da unidade dos credores. "Os bancos europeus e japoneses estão dispostos a capitalizar juros", disse ele.

A reunião de Baker com os banqueiros assinalaria também, segundo a mesma fonte, uma nova tendência no tratamento da dívida: o de reduzir o número de bancos envolvidos na questão. A idéia, no caso do México, por exemplo, é reduzir o número de credores de 550 para cerca de 100, através de diversas operações, para diminuir o espaço de instabilidade.